O Soneto dos High lifes

O SARAU ARTÍSTICO

Caro leitor, aqui lhe há de ser revelado, nos parágrafos abaixo, tal como prometido, os detalhes críticos deste brilhante torneio artístico, realizado no passado sábado, no Salão da Trindade, que consistiu, em nada mais, nada menos, que na exibição da alma sentimental de um povo, o nosso povo.

As ideias de Rufino

O espetáculo iniciou-se com as palavras deste Sr. Rufino - um deputado, um bacharel, um inspirado. E pode-se garantir a este leitor que não fora coisa pouca. O público, preenchido de emoção, largava "bravos" profundos e roucos, deslumbrado com a obra do seu verso. Falou-se da caridade, falou-se do progresso. Falou-se do renascimento da fé!

E ainda, que não se deixe de mencionar o momento mais sufocante da atuação! *O Soneto dos High lifes* tem o prazer de transmitir então, tal informação:

Este ilustre e sublime orador, o Sr. Rufino, sorrindo e bebendo a comoção do público, dirige-se para os seus ouvintes e termina: "E agora, apesar de todas as ironias da ciência, recebi a confidência divina e posso -com a mão sobre o coração- afirmar a todos bem alto: existe um Céu!"

E assim se sentiu por todo o salão, a concordância, o entusiasmo da multidão, que sorria, com um brilho na face, afirmando soberanamente o Céu!

"As meditações de Outono"

Por outro lado, a presença do pobre Cruges fora um fiasco.

Tocara uma coisa triste, a "Sonata Patética", suando e atabalhoando as notas, fazendo crescer um sussurro por toda a sala. Este tal maestro, do qual poucos conheciam o nome, esgueirara-se do estrado, dando fim àquela desgraça, após bater 2 últimos acordes bruscos, provocando na multidão murmúrios de alívio.

O Prata e o Estado Província do Minho

A substituir o músico, surgiu um sujeito muito magro, muito alto, com um manuscrito na mão, que se autoentitulava de Prata.

Uma vez mais, o público mergulhou numa sonolência. As bancadas esvaziavam-se, pondo dentro da sala uma tristeza de abandono e tédio.

Claramente, mais um falhanço deste sarau artístico. Não ficava ninguém! Todos se punham a sair, sem intenções de voltar a entrar.

Mas agora, que se felicite aqueles que ficaram! Porque, se se pode considerar alguma coisa, alguma vez, de valha alguma, então será a exibição deste exuberante poeta português. Por favor, caros leitores, aplaudam ao nosso Alencar!

A poesia social de Alencar

Esguio, pensativo, levantando a mão num gesto demorado, vociferou os primeiros versos da "Democracia". E foi então que, ao proclamar inspiradamente, se libertou uma rajada farta e franca de "bravos" que fez até oscilar as chamas do gás! Era a paixão meridional do verso, da sonoridade, daquele lirismo humanitário. Alencar, alçando os braços ao teto, chamou para a Terra essa pomba da Democracia, da Democracia com o cristianismo. Ao mundo do conflito ia-se substituir o mundo do Amor. Tudo reflorescia, tudo rejuvenescia.

Mas é de destacar que há que separar o filósofo do poeta. E apesar destas formosas estâncias, é necessária lembrar, com respeito, que nem todas as aspirações ideais da filosofia, belas como miragens de deserto, são realizáveis na prática social.

Para concluir esta coluna, aqui deixamos a lista daqueles que foram avistados.

No entanto, antes disso, é de garantir aos nossos leitores que as cadeiras douradas, no camarote, permaneceram vazias.